

## “Pra botar os filhos no colégio”: educação escolar na perspectiva de um migrante

Maria Antonia Veiga Adriaio\*

Palavras-chave:  
Subjetividades  
Migração e Trabalho  
Políticas de Estado

Resumo: Neste artigo, trazemos a Educação Escolar como um dos temas relevantes que surgiram nas entrevistas realizadas com agricultores migrantes, hoje aposentados, moradores da cidade de Sobral – Ceará, mas que nasceram em cidades e povoações adjacentes e emigraram entre 1950 e 1980. Em seus relatos, eles apresentaram situações vivenciadas nas cidades por onde moraram, não apenas Sobral, concernentes à escolarização, educação e qualificação para o trabalho, o que nos trouxe indícios das políticas educativas e desenvolvimentistas implantadas na Região do Sertão Norte do Estado do Ceará durante o período.

Keywords:  
Subjectivities  
Migration and Labor  
State Policies

Abstract: In this article, we bring school education as one of the major themes that emerged in the interviews we have conducted with migrant farmers, who are retired today, residing in the city of Sobral – Ceará, but who were born in adjacent cities and villages, and emigrated between 1950 and 1980. In their reports, they described situations they had experienced in the cities where they had lived, not just in Sobral, concerning schooling, education and job qualifications, which brought us also, evidence of the educational and developmental policies implemented in the Hinterland North of the State of Ceará during that period.

Recebido em 22 de setembro de 2015. Aprovado em 10 de dezembro de 2015.

### Introdução

O objetivo deste texto é trazer a narrativa oral de migrantes como fonte para a História da Educação Brasileira, observando como e por que a escola passou a fazer parte das exigências cotidianas de agricultores, hoje aposentados e moradores da cidade de Sobral<sup>1</sup> – Ceará, mas que nasceram em povoações e cidades do Sertão Centro Norte do Ceará<sup>2</sup> e emigraram para essa urbe, igualmente localizada nessa região do Estado, entre 1950 a 1980 do século XX. É relevante esclarecer que a maior parte das 27 entrevistas, realizadas em áudio e vídeo, ficou marcada pelas recordações e impressões dos migrantes sobre a escolarização deles e dos filhos, por esse motivo, essa questão fará parte de um dos capítulos de uma pesquisa que estamos finalizando. No entanto, para os fins deste artigo, tomamos apenas uma narrativa.

É importante notar que partimos das narrativas orais, experiências, percepções e interpretações dos migrantes, das recordações de suas trajetórias, na

perspectiva defendida por Ferreira (1994, p. 1-13), isto é, na busca por suas ações políticas cotidianas que foram possíveis de observar nas suas pelejas, nas suas procuras, nos caminhos abertos entre idas e vindas, no movimento migratório que realizaram. Além disso, utiliza-se a perspectiva de Khoury (2004, p. 117-136), “Considerando a história um processo de disputas entre forças sociais, envolvendo valores e sentimentos tanto quanto interesses” e entendendo, por outro lado, os cuidados metodológicos inerentes para não sermos capturados pela “imobilidade na reflexão, em detrimento de maior exploração das possibilidades criativas do trabalho, da memória e da história em suas mútuas relações.”

Esse movimento promove diálogos entre tempos históricos diferenciados, que se colocam entre o subjetivo e o oficial, entre o indivíduo e o mundo. Nesse sentido, procuramos não perder de vista a relação, sempre complexa, dos migrantes com “os mundos” ou contextos com os quais eles estavam em diálogo, e que

\* Doutoranda Programa de Pós-Graduação Doutorado em História Universidade Federal do Ceará Aluna especial do Programa de Pós-Graduação Doutorado em História Universidade Estadual de Campinas (Bolsa CAPES-PROCAD) Professora Assistente (Departamento de História) Universidade Estadual Vale do Acaraú. Email: mavaadri@hotmail.com

em “escalas variadas”, podem formar um “conjunto” de “versões da realidade histórica”, como defendeu Revel (1998, p. 32), embora, para ele: “nenhuma é realmente satisfatória”, todas as realidades seriam “verdadeiras”, complementares e necessárias à compreensão das relações entre os indivíduos, os grupos sociais e o Estado.

Obviamente que esse estudioso não estava refletindo sobre nenhum movimento migratório, não obstante, utilizamo-nos de suas ideias porque procuramos dialogar com as narrativas orais e interpretações de mundo dos entrevistados, com o contexto ou com o mundo que os cercava, uma vez que educação escolar tem uma dinâmica social e política que foge a qualquer trajetória individual e até mesmo coletiva e, assim, observar por que a escola ganha relevância nos relatos dos entrevistados.

Na tentativa de relacionar a educação escolar trazida pelos entrevistados com a conjuntura política e social, utilizamo-nos, também, de notícias e artigos de um semanário, quase centenário, o Correio da Semana, fundado em 1918 e dirigido pela Diocese de Sobral, sopesando ser este um veículo de comunicação da Igreja Católica, espaço aberto à “perspectiva histórica” (WILLIAMS, 1990, p. 21-25) e à perspectiva política dos grupos dominantes, aberto, assim, às suas comunicações e intervenções,<sup>3</sup> como estratos letrados em um meio social não letrado, quando falavam em suas próprias defesas e em nome dessa população migrante; desse modo, necessário para compreendermos as circunstâncias difíceis em que ela insurgia.

### “Essa história aí vai ficar muito bonita!”

Como nosso propósito será refletir sobre a educação escolar, considerando, como já acentuamos, a experiência de migrantes entrevistados, suas recordações e interpretações, trouxemos Sr. Luís, um dos agricultores que afirma ter emigrado para Sobral em 1976, tendo como propósito primeiro colocar “os filhos no colégio”. Dividimos o relato desse aposentado em vários excertos conforme os temas iam surgindo e, no concernente aos dois que trouxemos, esforçamo-nos para retirar apenas os excessos da locução, de modo que possamos conhecer

sua trajetória migratória, e como a escola passou a ser uma problemática em sua vida.

- Eu vou começar do começo da vida né? [...] Aos 13 ano eu saí para o Piauí, com a fazenda de gado de um tio meu, que foi uma seca muito grande, 1958! Eu já fui, já comecei a trabalhar. Eu fui criado sem mãe! A minha mãe faleceu e me deixou com três anos de idade, aí eu tive, eu fui criado nas casa das tia, dos irmão mais velho! [...] Ai passei um ano lá. Depois, em 59, eu vim embora. Aí no 60, eu já fui pra Brasília, com 16 ano! [...] que foi na época da construção de Brasília, em 1959, já tava bem começado né? E eu fui no 60 pra Brasília, de lá eu já fui para o Rio, [refere-se a Rio de Janeiro], quando eu cheguei no Rio, meu pai faleceu aqui, eu tive que voltar, então a minha vida foi muito cheia de altos e baixos né? Aí, quando eu cheguei em 1961, eu cheguei de volta, aí num encontrei mais meu pai, aí fiquei, fiquei trabalhano nas fazenda dos meus tio, que os meu tio nessa época, quase todos criavo gado, aí fiquei trabalhano, fui, trabalhano com um tio lá na Varjota! [situada em Reriutaba cidade vizinha] [...] aí quando foi em 1965, eu tornei a voltar para o Rio! Aí eu já tava mais maduro, e a cabeça mais apulumada. Aí eu trabalhei mais quase três ano no Rio! Quando foi em 1967, eu voltei do Rio! Aí me casei, me casei e fiquei trabalhano, continuano trabalhano em fazenda! **la para o Rio! Voltava pra fazenda! Aí é que é gostar de fazenda né?** [...] Aí depois, eu resolvi, tornar ir para o Rio de novo, já casado!, pai de quatro filho! **Aí a situação aqui num ficou boa**, eu tive que voltar para o Rio, aí trabalhei mais um ano, 1975 a 76 né? Trabalhei ainda um ano! Trabalhei no Aeroporto Santos Dumont! **Essa história aí vai ficar muito bonita!** [...] como copeiro, **eu trabalhava no balcão atendo, as maiores autoridades do Rio!** Era, trabalhava numa lanchonete do aeroporto! [...] Ai trabalhei um ano lá e vim embora de novo! Por causa da família, que ficou muito só, aí eu tive que voltar pra cuidar da família, num tava dano certo! A família longe de mim, eu num aguentava a saudade! Aí foi, aí um cunhado meu, meio irmão, me arranjou um emprego numa fábrica aqui, que chama Capasa<sup>4</sup>, lá no bairro do Junco! Aí trabalhei lá uns sete a oito ano, numa portaria! Pra botar os filho, os filho já tava crescono, **pra botar os filho no colégio**. Então desse tempo pra cá, de 1976 até hoje, eu ainda estou aqui em Sobral, foi à cidade que mais eu aturei! [...] Ainda hoje estou, pra educar os filho e agora, os neto! [...] Mas continuei no sertão e cultivano a cidade, lá e cá né?

- [...] para o Rio de Janeiro, o Senhor nunca quis levar sua família?

- É, mas o meu ganho num dava! Pra levar a família! [...] Porque o que eu ganhava, num tinha como alugar uma casinha pre'u botar uma mulher e quatro filho! Porque os aluguel no Rio, nessa época, era muito caro! É o salário, num, num tem como você escapar!

- E qual foi a diferença em relação a Sobral, por que para Sobral o Senhor veio com sua família?

- Pra ganhar o mesmo salário! Mas porque, a empresa, me emprestou uma casinha! Foi por isso que o salário, ajudou um pouco, porque o empresário disse: não, vou te dar uma casinha pra tu morar, enquanto tu pode, pode construir a tua! Ai, o empresário, o meu patrão, me dava o salário e me dava uma casinha p'eu morar! Ai foi como eu melhorei mais, né? Ai depois eu trouxe umas vaquinha de leite pra cá, tudo isso houve! [...] Porque na época, na época que, que eu morava, no começo que eu cheguei aqui, lá tinha pouca casa! Ai tinha muito espaço, pra botar as vaca de leite, muito pasto! [...] A Capasa foi construída num local que num tinha casa perto, não! Só o cemitério que era o mais próximo! [...]. (ARRUDA, 2013, grifos nossos).<sup>5</sup>

Sr. Luís nasceu no ano de 1942, na fazenda Olho D'Água, distrito de Jaibaras, situado no município de Sobral. Bem-humorado, viúvo, romântico, sente-se realizado por ter conseguido educar bem os filhos, não como almejou, mas como foi possível. Teve um casamento pelo que recorda pleno de satisfação e companheirismo. Sua esposa foi "paixão de criança". Ele enfatizou que um dos motivos de não ter passado longo tempo nos lugares por onde andou, foram seus sentimentos que sempre estiveram ancorados no Ceará: "Ela não saía do pensamento" (ARRUDA, 2013).

Como vimos, antes de emigrar para Sobral, ele ensejou residir em outros lugares fora do Ceará, como Brasília, no período de sua construção, onde passou apenas um ano aprendendo a ser "servente de pedreiro" e não gostou, nem do trabalho, nem das dificuldades que enfrentou, pois "dormiu na rua" antes de conseguir a colocação "na obra" onde passou a residir com seus colegas de jornada (ARRUDA, 2013).

Já no estado do Piauí, onde vivenciou a experiência anterior, auxiliou a transferência de "uma fazenda de gado" na "seca de 1958", prática costumeira durante as estiagens. Ou seja, para evitar o sacrifício de animais, os fazendeiros de mais posses transferiam suas "fazendas" para lugares não atingidos pelas intempéries. Os estados Piauí e Maranhão aparecem como lugares de clima propício para tais expedições (aparecendo não apenas no relato desse aposentado, mas em outros também), pois segundo Sr. Luís, "lá não tinha seca".<sup>6</sup> Isso incluía igualmente a migração transitória de famílias de

agricultores. Desse modo, ele foi e voltou a pé, tangendo o gado, tendo permanecido um ano em Piauí, o que, segundo ele, com apenas treze anos de idade, não foi um ensaio dos mais prazerosos (ARRUDA, 2013).

Quanto à cidade do Rio de Janeiro, afirmou categoricamente que teria continuado lá com seus irmãos se não fosse, sobretudo, sua condição de analfabeto. Esta é, sem dúvida, sua maior lamentação: não ser escolarizado. Em sua avaliação, seus irmãos, que diferentemente dele alfabetizaram-se, obtiveram melhores posições de trabalho e, assim, puderam fixar residência nesse centro. Já ele, como só conseguia emprego de salário mínimo "porque não tinha estudo", não pode "se demorar", afinal, "num dava pra mim levar a família" (ARRUDA, 2013).

Foi por esse motivo, por tentar fazer e refazer a vida tantas vezes em lugares tão díspares, pelas experiências negativas que acumulou em seu percurso, não obstante, igualmente positivas, pelo aprendizado que deixaram, quando passou a considerar "o mundo seu maior professor", como veremos; que ele acatou a estabilidade que lhe foi oferecida na cidade de Sobral, mormente, para que os filhos estudassem (ARRUDA, 2013).

É interessante perceber como o Rio de Janeiro entrou na vida desse senhor e como ele passou a associar suas dificuldades à escolarização, assim como é relevante perceber sua situação de trabalhador nas fazendas da região contígua à cidade de Sobral: "Ai me casei, me casei e fiquei trabalhano, continuano trabalhano em fazenda! Ia para o Rio! Voltava pra fazenda! Ai é que é gostar de fazenda né?". Essa situação, que nos pareceu imperativa, acentuada com ironia por esse migrante, traz indícios da situação de expropriação em que ele vivia, assim como vivia toda uma população dependente do sistema de propriedade privada da terra dessa região (ARRUDA, 2013).

Esse agricultor tentou arrumar sua vida emigrando para o Rio de Janeiro, como fizeram outros trabalhadores no período mencionado por ele, anos 1960 e 1970 do século XX. Tentou, mas não obteve êxito porque sua esposa e filhos residiam no Ceará, e ele não conseguia estabelecer-se definitivamente, uma vez que não podia prescindir de leva-los e seu salário não cobria as despesas mínimas com sua família. Por outro lado, não

conseguiu permanecer no Ceará porque, igualmente, mal conseguia asseverar sua sobrevivência trabalhando nas “fazendas” (ARRUDA, 2013).

As recordações desse migrante nos remetem à situação agrária dessa região que, por sua vez, reverberava nas páginas do Periódico aludido acima, quando podemos observar a posição dos patrões-proprietários em contraposição a de trabalhadores como Luís, em pelo menos dois debates abertos: o primeiro, quem defendia uma “reforma agrária” como solução para o “êxodo” de trabalhadores para os grandes centros urbanos do país, visto como um dos maiores problemas sociais da região e indicador de que seria uma forma do lavrador procurar resolver seu estado de extrema pobreza. E o outro, quem defendia a aplicação de recursos governamentais no agronegócio, sob a justificativa de elevar o nível da produção agropecuária “para modernizar o campo” ou as “fazendas” onde trabalhava esse agricultor.

Nesse sentido, esses discursos, a favor de uma “reforma agrária” ou em benefício da preservação e elevação do *status quo* dos segmentos proprietários, traziam, ambos, a conjuntura adversa dos trabalhadores sem posses e os problemas dos “produtores” como arguição para suas reivindicações políticas. Vejamos trechos de um artigo intitulado: “Reforma que se impõe”:

[...] ele, o rurícola – analfabeto, com membros da família doentes, habitando choupanas, é o eterno esquecido a viver a existência de miséria, **sempre à espera da oportunidade de emigrar...** Com o criador, ou seja, o fazendeiro proprietário, que vive no sertão com melhor posição social, as coisas também não são cor de rosa. O primitivismo impera na fazenda: criação ultraextensiva nos campos abertos, ao Deus dará. Durante a quadra pluvial a pastagem nativa é boa e abundante. Mas em breve se transforma o ambiente para escassez ou falta de forragem no decorrer de longos meses de seca anual. [...] Enquanto tal se observa no setor agrícola, constata-se **febre de industrialização** a se implantar, com ajuda oficial, nos centros urbanos. E dessa forma é que marchamos rapidamente para a agravação da situação nos campos, **cujas população migra** para as cidades, a busca de melhor salário. [...] Para isso se estabelecerá um plano de ação no qual constariam, além da assistência creditícia, a mecanização do trabalho, compreendendo o preparo do solo, tratamentos culturais, combate às pragas, beneficiamento e conservação das safras, bem assim, a instrução adequada ao meio, atendimentos sanitários a população, habitação etc. de que tanto precisa o homem

do campo. Reforma agrária que ofereça condições de vida humana, sem o que não é possível desenvolvimento geral [...]. (ANDRADE, 1967, p. 3, grifos nossos).

Como é possível observar, o autor analisa nessa matéria o contexto difícil em que se encontravam, para ele, “o rurícola” e “o criador ou fazendeiro”, quando ambos são colocados como sofrendo de desatenção governamental. Os trabalhadores, “eternos esquecidos”, só encontrariam saída para seus problemas sociais na migração; e os fazendeiros, noutro sentido, precisavam da contribuição estatal para fazer render mais seus negócios e, de tal modo, segurar os trabalhadores com salários como os pagos nas cidades, evitando, portanto, seus deslocamentos. Quando aproveita para lembrar aos leitores que o governo precisava desviar o olhar para o campo.

Dessa forma, é razoável concluir que a finalidade do autor não era refletir sobre a “reforma agrária”, advogada por setores que se faziam representar nas páginas do Correio da Semana, sobretudo, ligados à Igreja Católica, incumbidos igualmente de refletir sobre outra “reforma”, a litúrgica, que a Santa Sé anunciou em 1961 em prol dos fiéis pobres do mundo;<sup>7</sup> que, portanto, podia ser vislumbrada nos enunciados do Periódico; vinculada por sua vez, às campanhas por sindicalismo no campo, associativismo e reforma agrária.<sup>8</sup> Já a “Reforma que se impõe”, alvitada no artigo, era de outro cunho político, intrínseca aos reclames dos “fazendeiros proprietários”.

Grosso modo, duas questões impor-se-iam no período concernente às políticas encetadas pelo Regime Militar: a primeira esteve relacionada a instituir “polos” urbanos de desenvolvimento industrial, quando a cidade de Sobral foi incluída nessa orientação governamental, centralizando expedientes para tanto.<sup>9</sup> E a segunda, a imissão de recursos públicos destinados ao agronegócio em regiões igualmente consideradas potenciais.<sup>10</sup> Quanto a essa situação específica, havia um interesse grande em “desenvolver o campo”, é possível perceber pelas notícias difundidas no Semanário, no entanto, não na perspectiva de lavradores como Luís que, diante das dificuldades que enfrentava no trabalho agrário, tentava encontrar solução na migração. Ou ainda, não na compreensão daqueles que exortavam uma reforma agrária, trazendo o ponto

de vista “cristão” da conjuntura política e social do Brasil daqueles anos, propondo a organização dos camponeses como caminho imprescindível para superar a posição de expropriação a que estavam sujeitados no campo, no caso específico do trabalho realizado no Periódico sobralense pelo Centro de Treinamento da Diocese de Sobral (CETRESO).<sup>11</sup>

A reforma que se imporia, tomando emprestadas as palavras do autor, seria a sugerida no artigo supracitado, com investimentos estatais dirigidos aos interesses dos produtores rurais. Todavia, a proposta oficial seria disciplinada no sentido de investir onde e no que seria melhor de aplicar as verbas governamentais. E esse aspecto “tecnicista” ou científico e de pesquisa do Regime Militar, como observara Santos (2009, p. 40),<sup>12</sup> trouxe técnicos nacionais e estrangeiros (norte-americanos, alemães, franceses),<sup>13</sup> perquirindo em detalhes as riquezas que pudessem ser exploradas ou que pudessem ser produzidas, plantadas e criadas; sendo também possível de perceber para os anos da implantação da política agrária nessa região.

O que corresponde à proposição do articulador do Jornal no artigo acima, o qual chama atenção para o aumento dos resultados pretendidos na produção agrícola, o que só aconteceria com aplicação de “tratamentos culturais” para o solo, para os animais e para a “instrução adequada ao meio”, destarte, com conhecimentos técnico e escolar apropriados. Acreditamos que essa forma de adentrar o sertão com políticas tecnicistas, trouxe também o reconhecimento da escola formal, em uma escala que não dá para atestarmos sem um estudo específico. Conquanto, cidades como Sobral, que até então não estavam na mira de agricultores como Luís, que elegia Rio de Janeiro como espaço de morada e de promoção social, passou a ser uma opção nomeadamente para que os filhos estudassem.

## “Sem estudar, num tinha como eu sobreviver!”

Voltemos à narrativa desse migrante:

- [...] Eu combinei com a minha esposa, disse, olha, nós num pode ficar no sertão porque os nossos filho, eu sofri muito, por não saber ler! Eu fui para o Rio, e deixei bons

emprego! Por causa da leitura! Eu tinha uma boa aparência e tal, mas, quando as pessoa mandava eu escrever? Eu num sabia escrever! Tinha que pegar no pesado e ganhar pouco! Aí, isso foi o maior exemplo, da minha vida! Foi meu maior professor! Porque eu, a mãe morreu num, num foi, num tive o acompanhamento da mãe, num tive o pai também que eu deixei meu pai muito novo, e ganhei o mundo! Aí o mundo pra mim, foi o meu maior professor da minha vida! Aí eu vi que sem estudar, num tinha como eu sobreviver e criar minha família! **Aí como eu num tive a oportunidade de estudar, queria meno, botar os filho!** Aí foi o meu caso! **Eu vim pra cidade, pra poder educar os filhos,** peles terem uma vida melhor no futuro!

- E nesse tempo lá em Jaibaras num tinha escola?

- Tinha, mas era muito longe da onde eu morava! Já tinha uma escolazinha no Jaibara! Tinha, mas era muito longe! [...] No período do inverno tinha rio chêi, num dava pra atravessar o rio, então era muito complicado! [...] Aí o sertão foi ficano mais ruim pra se ganhar dinheiro, né? O trabalho foi diminuino, diminuino! Aí eu tive que procurar a cidade, pra poder, manter a família! Aí, foi quando eu cheguei em Sobral, e encontrei um emprego, e fui trabalhar e botar os filho no colégio! Aí fiquei! Aí fiquei em Sobral! Quando eu tinha tempo, eu ia no sertão, num afrouxei o sertão, sempre eu ficava no sertão, crioano um gadim por lá! Aí ao Rio eu só voltava a passeio, num fui mais trabalhar! [...]

- Quando o senhor mudou com ela para Sobral, como foi?

- Foi a primeira que disse que vinha, morava até embaixo de uma ponte, queria ensinar, queria ensinar os filho! Eu disse, tá certo, tá dano certo comigo, que eu tô no mesmo, nesse mesmo plano. [...] A educação é tudo. A educação é o começo da sua vida, é, é como a gente diz, a educação faz parte do começo da nossa vida! **É, a gente sem educação, num tem como chegar à frente!** Porque aí você num tem comportamento, você num tem, disciplina, você num tem, como arrumar um emprego bom, pra poder criar a família melhor, aí quando a gente num tem nada disso, você fica uma pessoa desprezada, num liga pra nada, fica uma pessoa sem fé! Uma pessoa sem fé, é uma pessoa ruim! E você tendo fé chega longe! [...] Eles admiro muito a minha vida, de eu num ter tido colégio, como eles, eu apenas frequentei colégio mas era poucos dia, mês, entendeu? **Aprendi ler alguma coisa na marra,** aprendeno as plaquinha de rua! Entendeu? Mas é, os meus filho, ah! os meus filho tá fazeno faculdade, alguns; tem uma filha, a minha caçula faz faculdade, **os outro terminaro o 2º grau, que u num terminei nem a carta de ABC!** Né? Sabe o que é a carta de ABC? Sabe? Pois é! É impressionante! Não! Ave Maria! Sem dúvida nenhuma, o meu desejo foi, o meu e da minha esposa foi bem! Eu desejava melhor né? Desejava chegar mais longe, porque eu já tinha muita experiência pela

vida, já né? Muito viajado, viajei muito, logo muito novinho, fui aprendeno com o mundo, o meu professor, que ainda hoje devo favor [...]. (ARRUDA, 2013, grifos nossos).

“Eu sofri muito por não saber ler! Eu fui para o Rio e deixei bons empregos! Por causa da leitura!” Essas são as impressões de Sr. Luís sobre sua escolaridade, como podemos observar nesse trecho de sua narrativa, e estão diretamente relacionadas com suas vivências negativas de trabalho na cidade, como já vimos também na primeira parte da análise. A despeito disso, é relevante o fato de ele não associar sua obstrução escolar e decepções no campo do trabalho e moradia ao sertão e ao trabalho de agricultor. A escola está associada inteiramente à cidade, com o trabalho e com o viver no centro urbano.

Nesse ponto, Sr. Luís não se distinguira dos demais migrantes que entrevistamos, os quais assinalaram suas pejeas negativas e “pesadas” (lendo-se aí, exigentes, difíceis de serem cumpridas, extenuantes), no campo do trabalho, com as cidades onde moraram antes ou durante a tentativa de fixar residência em Sobral, quando sublinharam que essa situação só mudaria com a escolarização, isto é, que só estudando alcançariam “o futuro” desejado. Alguns poucos perseguiram essa ideia até obter satisfação plena, indo às vias de um curso universitário, porque três dos 27 entrevistados graduaram-se pela Universidade Estadual Vale do Acaraú.<sup>14</sup>

É preciso ressaltar que o interesse dos agricultores pela escola é uma questão recorrente, analisada por estudiosos da migração de camponeses às cidades. Dentre eles Durhan (1973, p. 146-149) defendeu que a permanência do trabalhador rural na cidade, sua adaptação e atuação profissional, estão objetivamente condicionadas a sua profissionalização e esta acontece em várias etapas, tendo o emprego como primeiro ponto a ser resolvido para a estabilidade na cidade.

Logo depois, o migrante passa a desejar uma ascensão profissional, que para ela estaria relacionada com a “qualificação técnica (isto é, a capacidade de executar determinadas tarefas)” (DURHAN, 1973, p. 147), o que pelo que pudemos observar, não passaria necessariamente apenas pela escolarização do migrante. Outros fatores somam-se ou podem até ganhar mais

peso nas tentativas de promoção social, formando um conjunto de coisas inequívocas que convergiria na sua alteração cultural (o que acontece como um processo), na disposição do migrante de aprender a ser um “trabalhador urbano”.<sup>15</sup>

Como podemos notar na narrativa de Luís, o trabalho no campo não impunha nenhuma qualificação que ele não dispusesse de imediato, logo, nenhuma cobrança que ele próprio não conduzisse, considerando que no espaço agrário naquele período e no cultivo de gêneros da alimentação básica (feijão, milho, arroz, mandioca e frutas como melancia, jerimum, melão) o trabalhador não precisava de qualificação técnica que ultrapasse sua experiência, que, pelo que recordaram os entrevistados, iniciava na infância ao acompanhar pais e irmãos mais velhos ao roçado.

Portanto, era outra cultura e outra educação, outra forma de trabalho concernente, sobretudo, ao exercício cotidiano, que, por conseguinte, apresentava outras exigências, outras relações de poder, outras relações de aprendizagem, sendo o conhecimento empírico decorrido das gerações, sem preocupação com teorizações, certificados e técnicas elaboradas por pessoas exteriores a essa prática. A técnica era aprendida na vivência. Nesse sentido, as ferramentas de trabalho não eram exteriores ao trabalhador e podiam ser materializadas no preparo da terra, nas sementes, nas plantas e na colheita, na enxada, na picareta, na armazenagem, na secagem e no trabalho coletivo. Conquanto, o que lhe competia, o conhecimento acumulado, não se encerrava neles, era repassado como experiência às novas gerações de forma oral e pela prática rotineira, que, conforme já mencionado, iniciava na infância.

Assim, entendemos que o conhecimento escolar é associado à cidade, porque foi na cidade que agricultores como Luís depararam-se com exigências que não residiam neles mesmos, que não estavam ao seu alcance subjetivo e objetivo, que não estavam nos familiares e vizinhos com quem dividiam a labuta, porém no outro, o desconhecido, o patrão, o gerente, o chefe de departamento, que lhes requeriam documentação e outros atributos indispensáveis às colocações pleiteadas, por mais simples que fossem.

Por outro lado, acreditamos que não é só isso.

Esse problema perpassa algumas instâncias educativas do campo oficial e do campo social, ou seja, outros interesses externos que se imbricaram como discursos sociais e como prática política-educativa na vida dos trabalhadores do campo e da cidade nos anos de 1960 e 1970. Lembremos que Sr. Luís fez uma chamada muito pertinente sobre educação: “É, a gente sem educação, num tem como chegar à frente! Porque aí você num tem comportamento, você num tem disciplina, você num tem como arrumar um emprego bom pra poder criar a família”. Entretanto, essa parte de seu discurso ainda é melhor: “aí quando a gente num tem nada disso, você fica uma pessoa desprezada, num liga pra nada, fica uma pessoa sem fé! Uma pessoa sem fé é uma pessoa ruim! E você tendo fé chega longe!” (ARRUDA, 2013).

Essa tônica na “educação” dada por esse aposentado, que, como sabemos, é diferente da ideia de alfabetização ressaltada também por ele, tem um tom profético, religioso, que conjuga educação para o trabalho, portanto, disciplina, comportamento condizente, emprego satisfatório (salário aceitável para criar uma família), com fé e esperança e, assim, com perspectiva de futuro. Se somarmos a recordação de seu estudo da “Carta de ABC” – podemos ter, dessa forma, uma questão que reverbera políticas educativas do período do Regime Militar, o que, por conseguinte, extrapola suas experiências negativas acumuladas na cidade sobre trabalho e as cobranças que lhe chegaram do campo da escolarização e qualificação.

Nessa perspectiva, surgiu-nos a Cruzada da Ação Básica Cristã (Cruzada ABC), que, conforme Paiva (1987), é uma ação “nascida no Recife” em 1962, como “iniciativa de um grupo de professores do Colégio evangélico Agnes Erskine de Pernambuco” (uma das instituições particulares que atuou na “alfabetização de adolescentes e adultos” em alguns estados do Brasil, sobretudo do Nordeste a partir de 1966), contando não apenas com apoio governamental, mas internacional da Agência Norte-Americana para o Desenvolvimento Internacional (USAID), da “Fundação norte-americana Agnes Erskine” e de “igrejas evangélicas da Holanda e da Alemanha”, entre outros financiadores. Essa instituição estendeu seu desempenho além de Recife, à “Paraíba e ao Sergipe” no primeiro ano e, em 1967, aos “estados

do Ceará, Alagoas, Rio de Janeiro e Guanabara”. É bom frisar que as pretensões eram de “âmbito nacional”, entretanto, a iniciativa perdeu sua força, credibilidade e financiamentos nos primeiros anos de 1970 (PAIVA 1987, p. 271-272).

Conforme Paiva (1987), esse organismo trazia no cerne a ideia de alfabetizar e educar para o trabalho e para a vida em comunidade; não obstante, teria ido mais longe, com uma ação evangelizadora interessada na conversão de novos cristãos e, por outro lado, na propagação dos interesses políticos vigentes, “defendendo ainda as ideias de interdependência entre as nações e de legitimidade de uma coordenação supranacional”. Ainda segundo essa autora, a Cruzada ABC negou-se a reconhecer a experiência brasileira nesse domínio, e o papel da Superintendência do Desenvolvimento do Nordeste (Sudene), que exigiu seu quinhão no âmbito da educação de jovens e adultos na região, contribuindo para apontar as ambiguidades do programa educativo desse organismo e para sua finalização (PAIVA, 1987, p. 269; 276-292).

## **Concluindo: “a economia da educação”**

Paiva (1987) analisou a conjuntura política-educativa desses anos, que, para ela, apresentava-se de forma “grosseira”, difusa, com propostas que precisavam ser executadas em curto prazo e só seriam possíveis se os esforços fossem concentrados em torno do que seria mais viável e econômico. Destarte, a principal preocupação era desenvolver a economia e atingir seus pontos vulneráveis, buscando resultados breves com escopos que se encontravam e se embatiam, ideologicamente falando, no sentido de assumir a alfabetização e a educação de adolescentes e adultos no Brasil, notadamente no Nordeste. O que vai convergir em práticas públicas e privadas “concomitantes” com financiamento e apoio governamental e de órgãos internacionais, como ressaltamos.

É plausível pensar que as impressões levantadas por Sr. Luís sobre alfabetização, formação para o trabalho e educação esclarecem um pouco essa confusão ideológica das organizações que vão atuar no interior do Brasil, no momento de suas peijas nas fazendas onde

trabalhou no sertão norte-cearense e no Rio de Janeiro. Isso porque o conteúdo programático observado na Cartilha ABC, ainda segundo Paiva (1987, p. 280-281), dava conta do “papel da escola na transformação da vida familiar, buscava reforçar o espírito religioso e a fé e a frequência à Igreja (várias lições são dedicadas à religião), chamando atenção para o papel das diversões [...] na vida das pessoas”, entre outros temas, como alimentação, saúde e vida cívica.

Portanto, nas recordações das experiências de migrantes como Sr. Luís, a escola surge como imperativa em suas vidas e acreditamos que isso representa indício das políticas educacionais que buscaram impetrar lições de vários campos, nas práticas cotidianas dos trabalhadores, como uma das formas que o Estado encontrou para fazer chegar as “alianças” realizadas naquele período e, por outra, garantir seu controle.

## Notas

1 Como Sobral foi considerada “polo de desenvolvimento”, além da construção de seu “distrito industrial”, algumas conquistas no campo da educação ganharam destaque: “[...] por seu caráter de **Polo de Desenvolvimento**, o município de Sobral é beneficiado diretamente por quase todos os projetos do plano de educação do Ceará; [...] serão construídas nessa cidade três centros interescolares, sendo um do 1º grau e dois do 2º grau, bem como ampliação de 38 salas de aula e construção de 8 novas [...]”. (EDITORIAL, 1973, p. 1, grifo nosso).

2 “O Estado do Ceará contava, em 1º de setembro de 1960, com 12 zonas fisiográficas, 142 municípios, 452 distritos, 142 cidades e 309 vilas [...]”. As zonas eram as seguintes: Araripe, Baturité, Cariri, Ibiapaba, Litoral, Pereiro, **Sertão Centro Norte** (mais conhecida como região norte do Estado), Sertão Central, Sertão do Sudoeste, Sertão do Baixo Jaguaribe, Sertão do Médio Jaguaribe, Sertão do Salgado e Jaguaribe. (FUNDAÇÃO INSTITUTO... 1960, p. VII; 80-93, grifo nosso).

3 “Para que o **agricultor** possa satisfazer sua função vital na comunidade nacional, faz-se necessário e urgente que evoluam os métodos de trabalho. Estão superadas as atuais práticas rotineiras. Evoluir ou desistir, eis o dilema que se apresenta ao **produtor**, [...] **O agregado ou morador**, geralmente de extrema pobreza e sem saída, mal pode plantar um ou dois hectares, pois enquanto cuida da pequena gleba tem que procurar fora ganho para manter a prole numerosa. [...]”. (ANDRADE, 1966, p. 1, grifo nosso).

4 “[...] Entre os dez projetos cearenses que serão apreciados na próxima reunião da Sudene figuram dois sobralenses com enquadramento para financiamento pelo BNB: **Chapéus Artesanato de Palha S/A – Capasa**, pertencente ao grupo Arruda, e Sobral Agro-industrial S/A [...]”. (Idem, 1971, p. 1, grifo nosso).

5 Informações fornecidas por Luís Carlos Arruda. Entrevista 1 gravada em audiovisual (dez. 2013). Entrevistador: Maria Antonia Veiga Adria, Sobral, 2013. dois arquivos gravados posteriormente em DVD-R (60m), (um para a pesquisa, outro ao informante), transcrição manuscrita, (arquivo da autora).

6 “O semiárido passou por nova delimitação, a partir da edição da Portaria Interministerial N° 6, de 29 de março de 2004, assinada pelos Ministérios da Integração Nacional e do Meio Ambiente [...] abrangendo os seguintes estados: Piauí, Ceará, Rio Grande do Norte, Paraíba, Pernambuco, Alagoas, Sergipe e Bahia e mais a porção setentrional de Minas Gerais.” (TRAVASSOS; (et al.), p. 151).

7 A “Carta Mater et Magistra”, de autoria do Papa João XXIII (1958-1963), reafirmou que “a Santa Igreja, apesar de ter como principal missão a de santificar as almas e de as fazer participar dos bens da ordem sobrenatural”, tinha igualmente e respectivamente a preocupação com “as exigências da vida cotidiana dos homens, não só no que diz respeito ao sustento e às condições de vida, mas também no que se refere à prosperidade e à civilização [...]”. (JOÃO XXIII, 1961, s. p, disponível em <http://www.vatican...>).

8 “[...] Cada um de nós temos o dever de trabalhar para que o Governo apresse a reforma agrária, Para isso, é necessário que os trabalhadores rurais unam-se, fundando sindicatos, cooperativas etc. Assim organizados, poderá exigir-se do Governo o que temos direito. Unimo-nos e venceremos!” (Cetreso, 1965, p. 5).

9 “[...] Pelo menos seis indústrias novas serão instaladas em Sobral, dentro do programa universitário de desenvolvimento industrial que é a extensão ampliada do Projeto Asimow. Estão em fase de estudo o projeto a Lassa (Iaticínio Sobralense S/A), o Cosmac (Companhia Sobralense de Materiais de Construção), a Isopasa (Indústria Sobralense de Calçados S/A), uma indústria de pescado e subprodutos, uma indústria de cal e tintas à base d’ água e uma indústria de artefatos de Couro [...]. Por outro lado, na região centro – sul, a partir de Iguatú, com a Polítex, várias indústrias estão começando a entrar em funcionamento, todas elas programadas pelo Plano Asimow [...]”. (EDITORIAL, 1965, p. 1).

10 “[...] Partindo da Unificação das empresas de energia elétrica, o Governo pretende desenvolver um grande esforço para incrementar a eletrificação rural no Ceará. **Os municípios serão atendidos dentro de um esquema de prioridade, conforme a demanda potencial e as necessidades da política agropecuária.** Um dos potenciais objetivos é apoiar a implantação do programa de irrigação. [...]”. (Idem, 1971, p. 1, grifo nosso).

11 “[...] Nesta atual conjuntura, o trabalhador rural, sobretudo, é muitas vezes posto em situação inferior, por isso o Sindicato se apresenta como uma necessidade vital ‘pois o homem unido é forte como uma cidade’ diz o papa João XXIII, em sua carta Mater et Magistra, Mãe e Mestra. Seria ideal que os patrões praticassem a justiça, dando ao trabalhador o que é dele, ou que o governo tratasse de coibir o abuso patronal, mas como isto não acontece, o sindicato surge como uma necessidade [...]”. (Cetreso, 1965, p. 4).

12 Esse autor analisa a fase de renovação de técnica-científica no Brasil e chama atenção para o período do “golpe de Estado de 1964”, que para ele “criou as condições de uma rápida integração do País”, o que não aconteceu sem “àqueles três dados: Ciência, tecnologia e informação [...]”. (SANTOS, 2009, p. 39).

13 “[...] A Sudene divulgou estudos conjuntos de seu Departamento de Recursos Naturais e **Missão Hidrológica alemã** sobre evaporação de águas em açudes do Ceará, destacando-se, especialmente, o planejamento da utilização das águas acumuladas para irrigação ou aproveitamento hidrelétrico. O trabalho foi desenvolvido na bacia do Rio Acaraú, onde os técnicos encontraram valores de evaporação que atinge até 33,7 por cento do total de água acumulada.” (AGÊNCIA NACIONAL, 1972, p. 1, grifo nosso).



14 A UVA é resultado de esforços iniciais da Diocese de Sobral que criou a Faculdade de Filosofia Dom José Tupinambá da Frota afiliada à Universidade federal do Ceará na segunda metade década de 1950 com dois cursos Letras e História. Aos poucos conquistou espaço político e em 1984 foi encampada pelo Governo Cearense.

15 “[...] a qualificação, no seu sentido amplo, consiste na aquisição de padrões culturais que se referem não apenas a novas técnicas, mas, inclusive, a novas normas de relações sociais e de valores que se manifestam como atitudes e motivação para o trabalho.” (DURHAN, 1973, p. 147).

## Referências

AGENCIA NACIONAL. **Correio da Semana**, Sobral, ano 55, n. 13, 24 jun. 1972, p. 1.

ANDRADE, Humberto R. de “Propaganda Agrícola”. **Correio da Semana**, Sobral, ano 48, n. 46, 5 mar. 1966, p. 1.

\_\_\_\_\_. “Reforma que se impõe”. **Correio da Semana**, Sobral, ano 50, n. 14, 1 jul. 1967, p. 3.

ARRUDA, Luís Carlos, **Luís Carlos Arruda**: entrevista 1 [dez. 2013]. Entrevistador: Maria Antonia Veiga Adrião. Sobral, 2013, 1 DVD-R (60m) Audiovisual.

CETRESO, Despertando para o Campo. **Correio da Semana**. Sobral, ano 48, n. 2, 8 abr. 1965, p. 4.

\_\_\_\_\_. “Despertando para o Campo”. **Correio da Semana**. Sobral, ano 48, n. 8, 5 jun. 1965, p. 5.

EDITORIAL. Plano Asimow “Seis Indústrias em Sobral”. **Correio da Semana**. Sobral, ano 48, n. 13, 10 jul. 1965, p. 1.

\_\_\_\_\_. “Dois Projetos Sobralenses estarão na pauta da Sudene”. **Correio da Semana**. Sobral, ano 54, n. 16, 24. Jul. 1971, p. 1.

\_\_\_\_\_. “MINISTRO da Educação Considera Sobral Polo de Desenvolvimento”. **Correio da Semana**. Sobral, ano 55, n. 42, 13 jan. 1973, p. 1.

DURHAN, Eunice Ribeiro. O Trabalho. In: \_\_\_\_\_. **A Caminho da Cidade**: a vida rural e a migração para São Paulo. São Paulo: Editora Perspectiva, 1973, p. 145-181.

FERREIRA, Marieta de Moraes. História oral: um inventário das diferenças. In: FERREIRA Marieta de Moraes; ABREU, Alzira Alves de; (Coord.). **Entre-vistas**: abordagens e usos da história oral. Rio de Janeiro: Editora da Fundação Getúlio Vargas, 1994, p. 1-13.

FUNDAÇÃO INSTITUTO BRASILEIRO DE ESTATÍSTICAS (IBGE). **Senso Demográfico Ceará**: VII Recenseamento Geral 1960. Rio de Janeiro, GB, 1960, p.VII e 80-93, v. I, tomo IV. Disponível em: <[http://biblioteca.ibge.gov.br/visualizacao/periodicos/68/cd\\_1960\\_v1\\_t4\\_ce.pdf](http://biblioteca.ibge.gov.br/visualizacao/periodicos/68/cd_1960_v1_t4_ce.pdf)>. Acesso em: 9 jul. 2013. IRRIGAÇÃO Será Apoiada pela Eletrificação Rural. **Correio da Semana**. Sobral, ano 54, n. 1, 3 abr. 1971, p. 1.

JOÃO XXIII, Papa. **Carta Mater et Magistra**. 15 mai.1961. Disponível em:

<[http://www.vatican.va/holy\\_father/john\\_xxiii/encyclicals/documents/hf\\_j-xxiii\\_enc\\_15051961\\_mater\\_po.html](http://www.vatican.va/holy_father/john_xxiii/encyclicals/documents/hf_j-xxiii_enc_15051961_mater_po.html)>. Acesso em: 13 mar. 2013.

KHOURY, Yara Aun. Muitas Memórias, Outras Histórias: cultura e o sujeito na História. In: FENELON, Déa Ribeiro; *et al.*; (Org.). **Muitas Memórias**: outras histórias. São Paulo: Olho D'água, 2004, p. 116-138.

PAIVA, Vanilda Pereira. O período pós-1964; uma nova fase na educação dos adultos. In: \_\_\_\_\_. **Educação Popular e Educação de Adultos**. São Paulo: Edições Loyola, 1987, p. 257-298.

REVEL, Jacques. Microanálise e construção social. In: \_\_\_\_\_. (Org.). **Jogos de Escalas**: a experiência da microanálise. Trad. Dora Rocha. Rio de Janeiro: Editora da Fundação Getúlio Vargas, 1998, p. 15-38.

SANTOS, Milton. O meio técnico-científico In: \_\_\_\_\_. **A Urbanização Brasileira**, 5 ed. São Paulo: Editora de Universidade de São Paulo, 2009, p. 37-51.

TRAVASSOS, Ibrahim Soares; (et al.). Secas, desertificação e políticas públicas no semiárido nordestino brasileiro. **OKARA**: Geografia em debate. João Pessoa, v. 7, n. 1, p. 147-164, 2013. Disponível em: <<http://www.okara.ufpb.br/ojs/index.php/okara/article/viewFile/10741/9184>>, acesso em: 8 nov. 2015.

WILLIAMS, Raymond. Um problema de perspectiva. In: \_\_\_\_\_. **O Campo e a Cidade**: na história e na literatura. Trad. Paulo Henriques Britto. 1ª imp. São Paulo: Companhia das Letras, 1990. p. 21-26.